Artigo Original

Revista ACB /acboficial /acb

CONTRIBUIÇÕES DA COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL PARA OS ESTUDOS DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

CONTRIBUTIONS OF SOCIOEMOTIONAL LITERACY TO INFORMATION LITERACY STUDIES

Jaires Oliveira Santos Guterres
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
jairesoliveira@gmail.com

RESUMO
A Competência em Informação refere-se à capacidade do *eu* de usar informações com o intuito de resolver questionamentos decorrentes da vida e, nesse processo, visualiza-se aspectos socioemocionais envolvidos. Desse jeito, emerge o objetivo desse escrito: refletir acerca da contribuição da competência socioemocional para investigações da Competência em Informação. Para atender a esse intento, procedeu-se uma reflexão teórica/bibliográfica, pautada na concepção da competência socioemocional para que fosse possível visualizar possíveis aportes à Competência em Informação. Percebeu-se, portanto, que de fato os constructos da competência socioemocional aportam contribuições para o conceito de Competência em Informação, na medida em que para desenvolvê-la e empregá-la se faz necessário sopesar razão e emoção, ademais, é vital estabelecer interações sociais. Conclui-se, destarte, que o conceito de Competência em Informação pode agregar inscrições socioemocionais, haja vista que a pessoa envolvida é um ser pensante e emite emoções decorrentes das suas relações familiares e sociais.

Palavras-chave: Competência em Informação; Competência socioemocional; Acesso e uso informacional.

ABSTRACT
Information Literacy refers to one's ability to use information to resolve issues arising in life and, in this process, the socioemotional aspects involved are visualized. Thus, the objective of this writing arises: to reflect on the contribution of socioemotional literacy to investigations of Information Literacy. To meet this aim, a theoretical/ bibliographic reflection was carried out, based on the concept of socioemotional literacy so that it was possible to visualize possible contributions to Information Literacy. It was realized, therefore, that in fact the constructs of socioemotional literacy contribute to the concept of Information Literacy, to the extent that to develop and use it is necessary to weigh reason and emotion, in addition, it is vital to establish social interactions. It is concluded, therefore, that the concept of Information Literacy can add socioemotional inscriptions, given that the person involved is a thinking being and emits emotions arising from their family and social relationships.

Keywords: *Information Literacy; Socioemotional literacy; Access and use of information.*

1 INTRODUÇÃO

A competência socioemocional envolve um cérebro emocional inerente a todas as pessoas, o âmago das emoções e a aplicabilidade dela, as vivências familiares que configuram as relações sociais primeiras, a empatia, o entendimento das nuances sociais e o estabelecimento das relações da vida em sociedade. Logo, compreende-se que ela desponta da indivisibilidade da competência emocional e social, em vista de que as emoções são acionadas a partir das conexões sociais estabelecidas pelas pessoas.

A Competência em Informação refere-se à capacidade dos sujeitos de usar informações com o intuito de resolver questionamentos decorrentes da vida. Trata-se, portanto, da aptidão de pensar criticamente, refletir e emitir percepções embasadas sobre as informações que acessamos e usamos corriqueiramente. A Competência em Informação figura como um direito humano e empodera as pessoas em suas singularidades e nas relações sociais que estabelecem.

Ante o exposto, emerge o objetivo que ocupa a centralidade desse escrito: refletir acerca da contribuição da competência socioemocional para investigações da Competência em Informação. Para atender a esse intento, foi considerado pertinente proceder a uma reflexão teórica/bibliográfica, pautada na concepção da competência socioemocional para que fosse possível visualizar possíveis aportes à Competência em Informação.

No que se refere a debate teórico acerca da competência socioemocional, buscou-se aportes nos estudos de Goleman (2012; 2014; 2019). A Competência em Informação, por sua vez, foi retratada a partir da perspectiva da Association of College e Research Libraries (2016) e de autores cujas abordagens dialogam com o objetivo do debate aqui empreendido.

Sobre esse procedimento metodológico, Yin (2016) afirma que a revisão de literatura com essas características denomina-se seletiva, uma vez que apresenta considerações preliminares sobre a temática em discussão. Assim sendo, usa-se estudos selecionados de acordo com a pertinência direta com a

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

pretensão do debate, que parte da seguinte inquietação: de que maneira a competência socioemocional pode contribuir para as investigações da Competência em Informação? Que naturalmente desdobrou-se no objetivo que ocupa a centralidade deste escrito, que consiste em refletir acerca da contribuição da competência socioemocional para os estudos da Competência em Informação.

2 CONTRIBUIÇÕES DA COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL À COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Defende-se a percepção de que é preciso ser competente emocional e socialmente para desenvolver e empregar Competência em Informação, uma vez que essa combinação de saberes –inerentes ao transcurso da descoberta questionadora da necessidade informacional, da seleção das fontes, compreensão, síntese, avaliação, uso ético e legal, produção, disseminação, relação dialógica, colaboração e compartilhamento das informações – pode ser basilar na vida das pessoas.

A competência socioemocional, portanto, pode potencializar e viabilizar a articulação e aplicação dos conhecimentos, habilidades e atitudes conscientes e reflexivas em relação à informação, com vistas a ampliação dos saberes teóricos e práticos dos sujeitos. Em vista disso, faz-se necessário refletir a competência socioemocional inspirada nos estudos de Goleman (2012, 2014, 2019). Ademais, recupera-se os fundamentos da Competência em Informação, para que seja possível visualizar a pertinência desse constructo.

2.1 COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL

As emoções das pessoas têm sido pauta em debates, especialmente em cenários de proliferação de desinformação – notícias com conteúdo equivocado, falso, errado, enganoso, ilusório e/ou satírico – em que há uma intencionalidade para que tenha esse efeito naqueles que venham a acessá-la.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Envolve-se, nesse contexto, as implicações de compreendê-las como verdadeiras e/ou com a clareza de que se trata de desinformações e, ainda assim, o sujeito tende a partilhar e considerar como pertinente. Esse conteúdo, pois, coaduna com os seus valores e sua visão política e social. Valenzuela e colaboradores (2019) destacam que esses debates ganham força em paisagens essencialmente políticas, tais como o referendo do Reino Unido e as eleições dos Estados Unidos da América de 2016.

No Brasil, por sua vez, as eleições presidenciais de 2018 e 2022 também foram conduzidas em meio à repercussão de tais fenômenos. Ademais, tem-se a pandemia mundial da covid-19, que também gerou a disseminação em larga escala de desinformação.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), durante o cenário pandêmico, trouxe à tona o termo Infodemia, que ganha visibilidade e refere-se a um excesso de informações – algumas precisas e outras não – que dificulta o acesso a fontes e orientações confiáveis quando se precisa. Há, portanto, um aumento expressivo de informações que tecem uma determinada temática, como a pandemia da covid-19 e as eleições presidenciais do Brasil de 2018 e de 2022, e a sua distribuição acelerada acarreta o surgimento de desinformações, que assume grandes proporções nas redes sociais e se propaga rapidamente.

Sobre essa conjuntura pandêmica, biológica e informacional, Capurro (2020, s.p) diz que “é necessário um pensamento crítico para analisar maneiras de fortalecer ou alterar os sistemas de imunidade e mostrar como e quando eles se transformam em sistemas opressivos ou protetores”, afirmando essa ser uma atitude ética imprescindível. Em cenários como esses, nos quais há essa guerra de narrativas, as pessoas costumam se sentir confortáveis em atribuir credibilidade às informações que aparecem como dominantes (Ruokolainen; Widén, 2020) e, nessa dinâmica, a competência emocional e social entrelaçam-se e podem representar uma possibilidade de alargamento conceitual para a Competência em Informação.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Sabe-se que o cérebro produz as emoções, assim sendo, as pessoas são emocionais. O cérebro humano controla nossas emoções, para que as suas atitudes não sejam baseadas apenas neste sentimento. Considera-se, destarte, que a autorreflexão das práticas e o controle da cognição é essencial, na medida em que ao surgir uma demanda informacional, se faz necessário empregar esse autocontrole, para que se tenha tranquilidade para resolvê-la.

Quando a emoção se sobrepõe a razão, pode ser que o sujeito seja direcionado a uma eleição informacional que não atenda, satisfatoriamente, o seu pleito, conduzindo-o a desinformação; desse jeito, admite-se que é fulcral sopesar razão e emoção. Sobre esse decurso, Goleman (2012) afirma que as emoções são impulsos que denotam uma propensão para a ação imediata.

A raiva, o medo, a sensação de felicidade, o amor, a surpresa, a repugnância e a tristeza mobilizam propensões biológicas, que aliadas ao contexto socioeconômico ao qual estão inseridas, decretam o modus operandi da resolução de inquietações, impulsionadas por tais emoções. Para gerenciar situações que se apresentem em suas vidas, o ser humano conta com duas mentes: a racional – é consciente, capaz de ponderar e refletir – e a emocional – é impulsiva e exerce demasiado poder sobre o ser. As duas mentes operam em equilíbrio entre si, entretanto, os estímulos emocionais, ou seja, as paixões, contribuem para que a mente emocional sobreponha a racional.

Ao preocuparmo-nos com a dimensão informacional, constata-se que é preciso desenvolver uma Competência em Informação que busque o entendimento da mente, e, logo, o sujeito precisa estar imerso em um processo de aprendizagem consciente, crítico e reflexivo, no qual se almeja o sincronismo entre a mente racional e a mente emocional, conduzindo as pessoas a ações e decisões assertivas ao sanar necessidades informacionais.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Nesse sentido, cognição e metacognição[1] ganham destaque pois viabilizam a concepção de estratégias, constantemente autoavaliadas, no intuito de resolver problemas.

Quando se fala do âmago das emoções, preocupa-se com o fato de que os sujeitos criam motivações singulares e isso os leva a persistir em um objetivo, embora sejam cristalinas as dificuldades iminentes. Ao controlar as suas emoções, potencializa-se a empreitada de manter os impulsos regulados e, dessa forma, as pessoas aguardam pela satisfação de seus desejos. Isso ajuda a impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocínio, de empatia e autoconfiança, o que viabiliza a convivência com frustrações e a manutenção das relações com outras pessoas (Goleman, 2012).

Aventa-se que ainda que um profissional da informação – seja ele uma pessoa bibliotecária, arquivista ou museóloga – tenha participado de um processo educativo, por meio do ensino básico, da graduação, especialização, mestrado e/ou doutorado, pode ele ser tomado por suas emoções e, nessa ocasião, ter uma atitude que o direcione a ingerência de suas ações. Aciona, logo, um acesso informacional resultante de tais sentimentos que pode levá-lo à desinformação, tanto no contexto da vida pessoal quanto profissional.

Para lidar com a vida emocional é preciso desenvolver um conjunto de aptidões. A emocional "é uma metacapacidade que determina até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos [...]" (Goleman, 2012, p. 60); isso congrega, certamente, a Competência em Informação e todas as suas dimensões, pois as pessoas que conhecem os seus próprios sentimentos conseguem aplicar as demais capacidades em qualquer momento de sua vida. Goleman (2012) acrescenta que o desenrolar de tais aptidões emocionais contribui para que se sintam realizados e sejam mais eficientes, o que favorece a produtividade na vida pessoal e profissional; por outro lado, muitos as mantêm estanque e/ou sabotam as suas próprias competências.

[1] No entendimento de Fonseca (2018, p. 32-33) a cognição permite que as pessoas consigam resolve r inquietações de maneira "prática, práxica e enativa", do mesmo modo de forma "criativa, conativa, flexível e perspicaz [...] e naturalmente socioativa". A metacognição consiste no momento que o ser humano reflete e controla os processos de cognição, a partir de decursos autorreflexivos e autoaveriguativos.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Fonseca (2018) retrata a autorreflexão das ações como metacognição, por outro lado, Goleman (2012) fala da autoconsciência, por compreender que é necessária a atenção de modo permanente sobre o que se sente intimamente. Afirma que "[...]nessa consciência autorreflexiva, a mente observa e investiga o que está sendo vivenciado, incluindo as emoções" (Goleman, 2012, p. 70). Infere-se que essa escolha terminológica dialoga, guardadas as proporções, com a perspectiva da consciência crítica e reflexiva pautada por Paulo Freire (1987) e, por isso, contribui sobremaneira para as nossas investigações.

A autoconsciência contribui para o afastamento de sentimentos negativos na vida dos sujeitos, pois estarão atentos, conscientemente, às emoções e aos pensamentos sobre as emoções. Nessa vigilância, Goleman (2012) afirma que a preocupação ajuda a projetar soluções precisas para enfrentar as ameaças que se apresentam, tentando antecipar-se antes que de fato se concretizem. Esse controle é viabilizado pela autoconsciência crítica que recai sobre o que preocupa. A ansiedade sob medida, por sua vez, conduz os sujeitos ao êxito, pelo viés da motivação e do entusiasmo. Ademais, a tristeza impõe uma chamada reflexiva, o que favorece a elucubração sobre as coisas e isso nos convoca a entender as coisas sob diferentes perspectivas.

Ainda nesta dimensão, o otimismo denota a ideia de que tudo ocorrerá de modo assertivo apesar das frustrações que possam surgir. Isso coloca o sujeito como protagonista de suas próprias ações, pois consegue ver um fracasso como uma possibilidade de ressignificá-las. A empatia é conduzida pela capacidade de conhecermos as nossas próprias emoções, assim, será possível saber como o outro se sente. A empatia faz com que o sujeito tenha atitudes morais, enaltecendo o seu senso de justiça para com o outro (Goleman, 2012).

Tem-se a percepção, portanto, de que a competência para se relacionar com o outro, com as duas mentes em atividade – a racional e a emocional –, é envolta de autocontrole e empatia. No que se refere às aptidões sociais, Goleman (2012) afirma que a essência dessas relações se dá a partir da

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

capacidade de entender as emoções do outro. Isso porque para conceber as interações é preciso, em primeira instância, ter um nível de autocontrole que seja suficiente para conter sentimentos negativos e, assim, para manter uma sintonia com o outro é imprescindível manter a calma. O que contribui para que se compreenda os sentimentos do outro e, desse jeito, poder relacionar-se com ele, equilibrando as emoções e mantendo a cordialidade do diálogo.

Quando se pensa na emoção aplicada adequadamente, discute-se acerca de sentimentos que permeiam as relações e que interferem na manutenção estável delas. De igual modo, defende-se que é necessário sopesar as emoções, quando se trata da conexão dos sujeitos com a informação. Nesse transcurso, as pessoas precisam estar isentas do que Goleman (2012) chama de sequestro emocional, ocasião em que a mente se manifesta com incapacidade de escolher as respostas eficazes para resolver determinadas situações e isso ocorre antes mesmo que a mente racional identifique o que está ocorrendo. A calma é essencial nesse contexto, pois desenvolve-se a capacidade do sujeito ouvir com empatia, pensar e depois falar de modo construtivo.

A administração das emoções se apresenta como fundamental para que as pessoas consigam obter êxito em suas atividades laborais. Ante essa afirmativa, Goleman (2012) menciona três aptidões relevantes, quais sejam: trazer à luz reclamações de modo que sejam encaradas como críticas construtivas; estimular um ambiente em que a adversidade não seja uma fonte de discórdia/problema, onde o trabalho em equipe seja eficiente; e saber avaliar o processo. Nesta última, há uma viabilidade de que haja tanto avaliação, quanto autoavaliação, oportunizando que trabalhos sejam redimensionados e aprimorados. Em unidades informacionais, essas aptidões são primordiais para que bibliotecários, arquivistas e museólogos consigam oferecer serviços e produtos de qualidade aos seus usuários.

Essas características favoráveis ao controle das emoções encontram significâncias nas vivências familiares e isso foi aventado por Goleman (2012). Sobre essa questão, Macedo e Sperb (2013) trazem evidências de que

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

experiências que envolvem emoções negativas podem ter papel importante na vida do sujeito, desde que se estabeleça um diálogo sobre tais sentimentos no seio familiar, a fim de que se desenvolvam habilidades para lidar com elas e, assim, haja um desenrolar saudável da vida desses homens e mulheres.

Assim sendo, o processo de autoconsciência e autocontrole das emoções se mostra pertinente no âmago das famílias, pois é o lugar onde se vive as primeiras relações com o mundo socializado. Goleman (2012) diz que esse momento é aquele no qual se procede as primeiras avaliações dos sentimentos e de que maneira se deve reagir a eles. Ademais, os pais, as mães e/ou os responsáveis familiares assumem o papel de introduzir as primeiras reflexões da vivência no mundo para os filhos e filhas. Contudo, o autor admite que alguns deles são emocionalmente inabilidosos, pois: 1) ignoram qualquer tipo de sentimento; 2) são relapsos; e 3) são rigorosos em demasia, portanto, esses não conseguem desempenhar o papel de ensino do seio familiar de modo satisfatório.

Os primeiros passos da aprendizagem desenvolvidos em tal espaço são extremamente relevantes, pois desabrocham aptidões essenciais para adentrar ao processo de escolarização, quais sejam: confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, relacionamento, capacidade de comunicar-se e cooperatividade (Goleman, 2012). Portanto, a competência emocional é para toda a vida e deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida, pois tem um elevado impacto para a existência do sujeito. A competência emocional faz referência ao desenvolvimento de capacidades para controlar as emoções, fazendo com que as mentes racional e emocional possam interagir de modo saudável entre si. O déficit de tais aptidões na infância provoca, segundo Goleman (2012), retraimento ou dificuldade de relacionamento social, ansiedade, depressão, falha na atenção, no raciocínio, delinquência e agressividade. Para reagir a sentimentos inadequados é preciso, destarte, monitorar os próprios sentimentos.

Aptidões emocionais conduzem as pessoas a saber defrontar com as discordâncias, pensar e refletir antes de agir e tensionar crenças pessimistas

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

associadas à depressão são cruciais no processo de tomada de autoconsciência, sendo um terreno fértil para ser competente emocionalmente. O acesso a informações esclarecedoras ajuda a desenvolver essas aptidões, evitando que se caia em armadilhas da mente emocional. O aprendizado emocional, na visão de Goleman (2012), pode ser adquirido por meio da informação, materializada ou não, dos estudos, das relações sociais, ciência, saúde e em várias outras disciplinas, bem como das informações oriundas delas.

Nessa conjuntura, menciona-se o que se denomina de foco, o qual corresponde, de modo geral, a nossa capacidade de imprimir atenção nas ações que empreendemos no cotidiano. Isso quer dizer que é possível executar bem uma tarefa a partir do momento em que se direciona a atenção a ela com o intuito de lograr êxito. Goleman (2014) diz que a compreensão, a memória, a aprendizagem e a leitura das emoções constituem algumas operações mentais que estão implicadas na atenção.

Sabe-se, portanto, que as nossas capacidades de dominar as nossas singularidades e a empatia - fulcral para estabelecer relações dialógicas são relevantes, pois ajudam no emprego da Competência em Informação, essencial para o cumprimento de tarefas que corroboram para o crescimento profissional, evitando, assim, limitações que podem representar armadilhas mentais e entraves para o sucesso.

Goleman (2014) identifica três tipos de foco: o interno, que conduz as nossas intuições, o emprego de valores norteadores e nos ajuda a tomar as melhores decisões em contextos em que há essa iminente necessidade. O foco nos outros, colaborando com a minúcia da convivência e, por fim, o externo, facilitando a observação do contexto ao qual está inserido. É preciso, destarte, buscar incansavelmente o equilíbrio para que as pessoas possam empregar as competências emocionais e sociais de maneira assertiva e, assim, levar a cabo outras competências, uma delas certamente refere-se ao uso informacional para resolver demandas corriqueiras, as quais acionam esse recurso de primeira necessidade e corresponde a um direito humano.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A competência social, na visão de Goleman (2019), faz parte do momento em que os contornos sociais de nosso cérebro, por sua natureza pensante, guiam-nos em todas as situações da vida. Logo, pode-se inferir que o cérebro humano está sempre predisposto a viabilizar conexões essenciais à vida em sociedade. O caráter sociável do cérebro ajuda nessa conjuntura, em que, tal qual um ímã, os cérebros tendem a conectar-se. Essas interligações, desde as mais triviais às que decidem uma agenda importante, preparam as nossas mais profundas emoções, algumas realmente desejáveis, outras nem tanto.

Admite-se, portanto, que as interações sociais entoam as nossas emoções e os sentimentos resultantes impactam as singularidades das vidas envolvidas. Goleman (2019, p. 11) afirma que essas relações constroem "[...]não apenas a nossa experiência, mas também a nossa biologia". Deixando claro, destarte, o quão imprescindível é a interação para a sobrevivência humana. O cérebro social faz alusão ao processo heterogêneo que leva a cabo quando as pessoas se relacionam entre si.

Goleman (2019, p. 106) elucubra acerca das diversas pesquisas que têm sido desenvolvidas no âmbito psicológico sobre essa dualidade de habilidades que, por vezes, misturam-se "[...]uma vez que o território social do cérebro se sobrepõe a seus centros emocionais". O que leva a crer, por conseguinte, que as emoções são essencialmente sociais, tendo em vista que essas conexões com outrem as impulsionam, não sendo possível, portanto, apartar o fundamento de uma emoção do contexto das relações.

Infere-se, logo, que a competência social congregaria o ser social consciente e a propensão social (Goleman, 2019). A conscientização engloba as diversas nuances que envolvem a empatia, quais sejam o entendimento do sentimento da outra pessoa com a qual estabelece-se uma interação, ainda que essa pessoa não verbalize as suas emoções, contudo, o seu comportamento emitirá sinais passíveis de detecção. Uma escuta atenta é capaz de demonstrar o desejo de compreender a outra pessoa. Ademais,

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

visualiza-se fulcral, nesse processo, a sapiência do funcionamento do mundo que nos rodeia.

A propensão social, por sua vez, ampara-se nas relações sociais saudáveis e eficientes viabilizadas por um ser social consciente. Inclui o momento em que os sistemas cerebrais coexistem e conseguem conectar e estabelecer relações, ainda que não seja necessário verbalizar, a biologia imprime, destarte, o seu trabalho, com uma comunicação corporal, por exemplo. Falar do eu, isto é, de suas singularidades, em situações que requerem essa habilidade. Ademais, na dinâmica da vida cotidiana, defender seus pontos de vista com o afã de lograr êxito em contextos diferenciados faz parte dessa capacidade de conviver socialmente. Há de ter sensibilidade com as causas das pessoas que partilham desse espaço social com as singularidades e imprimir ações possíveis para viabilizar uma convivência harmoniosa.

Visualiza-se, imediatamente, uma competência socioemocional, que aglutinaria um cérebro emocional, o âmago das emoções, a emoção aplicada, as vivências familiares, a empatia, o entendimento social e o estabelecimento de relações sociais. Iminentemente somos instigados a perceber a contribuição dessa elucubração para investigações que tecem a Competência em Informação.

2.2 Competência Socioemocional e aportes à Competência em Informação

Considera-se que a história da humanidade emerge, dentre outros fenômenos, a partir de concepções das singularidades que estão envolta a um contexto social. Assim, é inevitável pensar no *eu,* sem associá-lo a um contexto social. Afinal, essas subjetividades vivenciam situações cotidianas, decorrentes da vida em sociedade, na qual admite-se ser fundamental desenvolver e empregar Competência em Informação que viabilize a resolução de problemas nas dimensões pessoal, familiar, laboral e educacional.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Desde que os fundamentos da Competência em Informação dão conta do contexto do seu surgimento, em 1974, com Zurkowski, essa temática tem sido agenda de elucubrações a nível mundial. À época, desponta implicada em um cenário de industrialização e dos debates da conformação da Sociedade da Informação. Cabe-nos refletir acerca da estrutura de Competência em Informação da *Association of College e Research Libraries* (ACRL, 2016), que apresentou uma (re)significação para o conceito, haja vista que o anterior American Library Association (ALA, 2000) foi alvo de debates durante uma década e meia, isso porque os padrões publicados no início do século pareciam um tanto rígidos. Torna-se essencial a compreensão de que para ser emancipado na busca e uso da informação se faz necessário fazê-lo conscientemente e com criticidade e não apenas com atitudes e ações tecnicistas.

Dentre os autores que participaram do debate promovido e constante em ACRL (2016), enfatiza-se Livingston (2003), Mackey e Jacobson (2011, 2014), que dão conta da conscientização, criticidade e da compreensão dos próprios pensamentos (metacognição) e das competências (metacompetência). Ademais, Elmborg (2006) e Tewel (2018) retratam esse aspecto crítico, pautado na pedagogia crítica, com o acréscimo de tal adjetivo à terminologia. Contudo, a ACRL considerou essas possibilidades como alargamento para o conceito de Competência em Informação - tradução adotada no Brasil para *Information Literacy*.

Coaduna-se com a perspectiva da ACRL (2016), que ressalta consistir na integração de conhecimentos, habilidades e atitudes que culmina em uma exploração reflexiva da informação, na clareza de como é produzida e valorizada e o seu uso na criação de conhecimentos novos, ademais considera a participação ética dos sujeitos em comunidades de aprendizagem. Ahorony e colaboradores (2017) reforçam que ser competente em informação extrapola o domínio de um conjunto de habilidades, sendo preciso compreender as implicações que permeiam o desenvolvimento de tais capacidades dentro de um contexto social específico. A Competência em Informação é compreendida

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

por Durodolu e Mojapelo (2020) como um requisito essencial à sobrevivência em situações distintas, como é o caso da sobrecarga de informações. Assim, admite-se que desenvolver a capacidade de resolver problemas com o uso de informações ganha destaque hodiernamente. Isso nos conduz ao entendimento de que esse processo vem carregado de aspectos emocionais e sociais, inerentes à vida das pessoas em sociedade, o que cristaliza a iminente pertinência de recuperar a ideia de competência socioemocional no constructo conceitual da Competência em Informação.

Em suas vivências, os sujeitos usam as suas emoções a todo instante e em relação à informação isso não é diferente. Ao empregar as suas competências, são envolvidos, outrossim, por suas emoções e isso interfere no modo como usam as informações para resolver inquietações de ordem pessoal e laboral. A cognição e a metacognição estão certamente incursionadas nesse contexto. Na visão de Fonseca (2018), com a cognição as pessoas conseguem resolver problemas de maneira prática, criativa e socioativa, por outro lado, com a metacognição, conseguem refletir e controlar os seus processos de cognição.

A Competência em Informação permite que o sujeito possa conduzir os seus dizeres, saberes e fazeres de modo consciente, crítico, reflexivo e emancipado, num contínuo de aprendizagem, em que autorreflete sobre as suas próprias competências, momento em que identifica a necessidade emergente de aperfeiçoá-las. Em Santos (2015), afirma-se que esse processo é realizado pelas ações centrais do cérebro, que produz a mente, as emoções, o pensamento, a percepção e demais funções. Para desenvolver e empregar Competência em Informação, logo, é fulcral que a pessoa esteja envolvida em um processo de aprendizagem ao longo da vida. Desse modo, poderá (re)significar as suas competências sempre que julgar pertinente, para isso, é preciso que, conscientemente, reflita sobre as suas singularidades e sua vida em sociedade. Nesta conjuntura, anui-se com a compreensão de curiosidade epistemológica de Freire (1987), traçada como a necessidade ontológica do processo de criação e recriação da existência humana, indispensável para o

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

processo de construção de saberes. Essa curiosidade é inerente à própria consciência crítica e se desenvolve no processo de conscientização.

Ante o exposto, se mostra pertinente para a reflexão aqui empreendida acionar a competência socioemocional como uma possibilidade de contribuição para o conceito de Competência em Informação. Isso se justifica pelo fato de que para ser competente em Informação a pessoa precisa imprimir ações singulares e contextuais com o afã de satisfazer a sua necessidade informacional, a qual motivou o processo de busca. A competência socioemocional compreende o cérebro emocional, o âmago das emoções, a emoção aplicada, as vivências familiares, a empatia, o entendimento social e o estabelecimento de relações sociais. Esses atributos estão embutidos no desenrolar do comportamento das pessoas em relação à informação, logo, contribuem conceitualmente com a Competência em Informação.

Existe uma infinidade de situações que reafirmam a necessidade de autorreflexão e, naturalmente, do uso da competência socioemocional ao empregar ações inerentes a Competência em Informação. Aventa-se exemplos como o processo de informatização nas empresas, movimento que se intensificou e ganhou notoriedade no início do século XXI, levou as pessoas que laboravam nesses espaços a terem de adequar-se a essa realidade, especialmente por meio de cursos de capacitação para manusear computadores. Nessa ocasião, alguns demonstraram desconfiança e/ou resistência às mudanças (Demo, 2009), tendo em vista que até então desenvolviam as suas funções sem a necessidade do uso de tais aparatos tecnológicos.

Do mesmo modo, ocorreu na primeira metade da década de 2010, quando as mídias sociais digitais passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, ademais, empresas/organizações percebiam a necessidade de, progressivamente, aderir a essa nova realidade, para que os serviços e produtos oferecidos fossem disseminados nesses espaços ocupados pelas gerações atuais e, quiçá, futuras. Sobre esse contexto, Romano e

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

colaboradores (2014) dizem que o uso das mídias pelas instituições pode oportunizar uma maior conexão com os consumidores, o que resulta em relacionamentos diretos duradouros.

Em ambos os cenários, profissionais precisam tensionar os seus saberes para mobilizar novas ações, com a finalidade de atender demandas emergentes impulsionadas pelo avanço das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC). Nessa ocasião, é preciso sopesar emoção e razão, para que a sua autorreflexão o direcione a uma atitude assertiva. A resistência representa um entrave, mas isso precisa ser desmistificado ao passo que a pessoa reconhece a relevância da aprendizagem ao longo da vida, a fim de desenvolver as competências indispensáveis para saber fazer de modo eficiente e eficaz em situações que necessitam dessa mobilização.

Na Ciência da Informação, no âmbito do comportamento informacional, Kuhlthau (1991) apresenta o Modelo do Processo de Busca de Informação, o qual sinaliza os sentimentos das pessoas a cada estágio do processo, são eles: incerteza, otimismo, confusão, frustração, dúvida, confiança, alívio, satisfação ou desapontamento. Ao que parece, os sentimentos estavam condicionados ao êxito ou fracasso no decurso de busca informacional. Coaduna-se, logo, com a perspectiva de Goleman (2012) ao dizer que as emoções compreendem impulsos que determinam as nossas atitudes, por isso, se faz necessário empregar competência para fazê-lo.

Silvia e Teixeira (2023) usam a perspectiva de Kuhlthau (1991) ao avaliar o comportamento de alunos de Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, considerando esses sentimentos ao buscar conteúdos informacionais. Ao final, as autoras consideram pertinente proceder a um processo de aprendizagem, em que a biblioteca esteja envolvida, com a finalidade de viabilizar o desenvolvimento de Competência em Informação desse corpo estudantil. Haider e Sundin (2022), por sua vez, evidenciam a confiança e a dúvida, no bojo da Competência em Informação, sendo que a primeira demandaria ação cidadã, na medida em que o sujeito, conscientemente, considera a ciência, as autoridades públicas e o poder

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

judiciário como fonte confiável e, ainda assim, reflete acerca das informações as quais acessa. A segunda é citada como uma possibilidade iminente de questionar e adotar uma postura crítica em relação à informação que em sua gênese gera dúvida.

Por outro lado, tem-se a pesquisa de Chenevey (2021), a qual tensiona a Competência em Informação inclusa num decurso de aprendizagem, considerando, mormente, uma pedagogia de presença e cuidados, pautada no afeto. Salienta que alterações, ainda que mínimas, no relacionamento com os discentes, cuja centralidade esteja pautada na ética do cuidado e na compreensão do afeto e do bem-estar pode impactar a saúde emocional dos estudantes e, também, das pessoas bibliotecárias.

Chenevey (2021) também recupera Kuhlthau (1991) ao dizer que a pessoa que almeja por informações certamente enfrenta dúvidas, ansiedade, confusão e/ou opressão e avança ao otimismo à medida que identifica informações pertinentes. Entretanto, ao progredir para a fase da exploração, pode ser que haja uma regressão, em vista de que depende do que o sujeito consegue compreender e se há a confirmação de que a informação sanará o questionamento que fez emergir o decurso de busca. Nesse contexto, o profissional da informação pode ser um mediador, cujo afã consiste em contribuir para que os estudantes consigam lidar com as suas emoções, que por vezes causam efeitos negativos, como a vergonha, que isola a pessoa e a faz ter dificuldade de se relacionar com pessoas de um modo geral e, sobretudo, interfere no uso dos serviços e produtos da biblioteca.

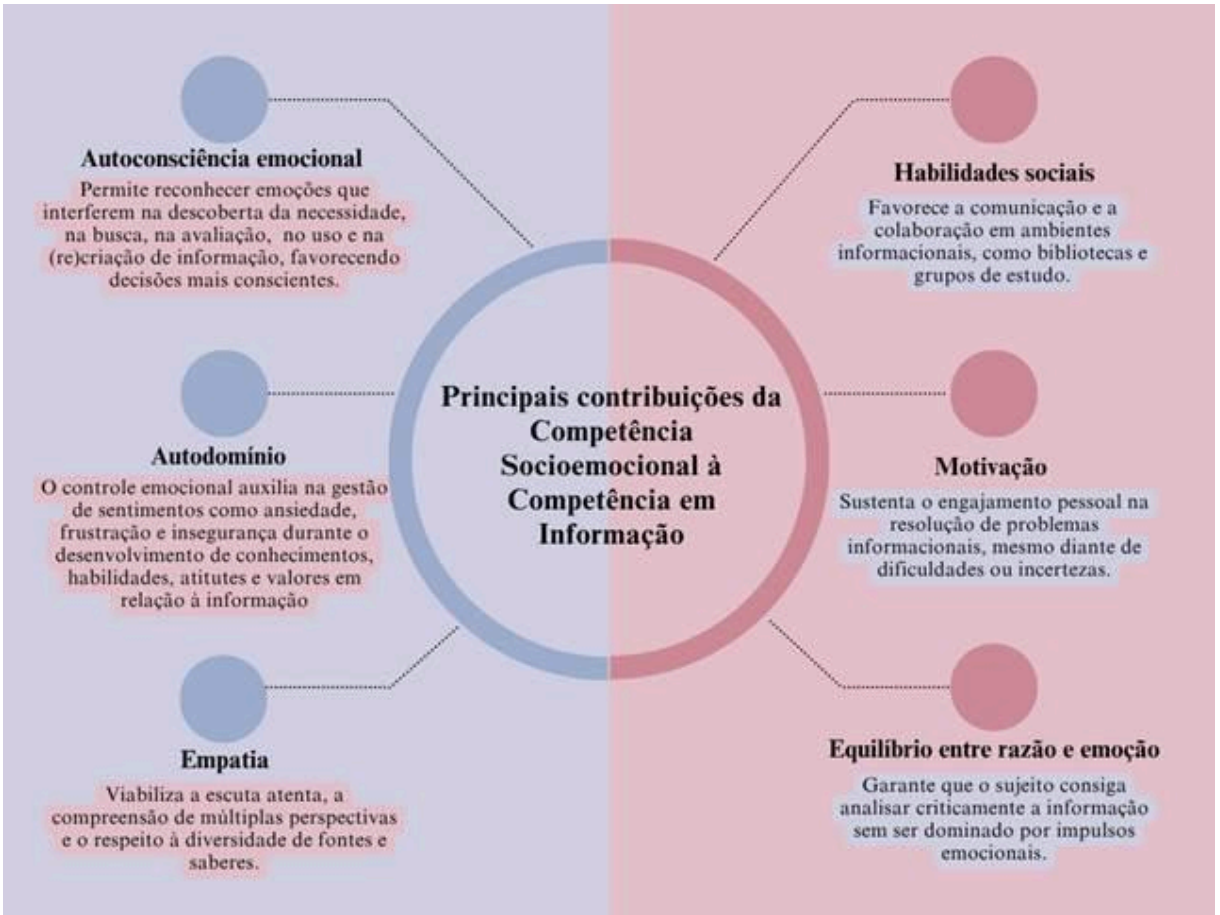
Admite-se que o afeto é determinado pelas conexões e relacionamentos estabelecidos, logo, ter atitudes assertivas no intuito de apoiar a saúde mental e o bem-estar dos estudantes pode ser de grande valia no processo de desenvolvimento de Competência em Informação. Aventa-se que a autoconsciência e confiança, o controle das emoções e a empatia resultam em comportamentos favoráveis à promoção e emprego de Competência em Informação. Essa reflexão ampara-se em Goleman (2012) que realça a capacidade de o sujeito aprender os fundamentos de autodomínio e afins,

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

onde a competência emocional demonstra o quanto dessa capacidade é dominável de maneira que se torne uma habilidade que viabilize a resolução de pleitos, como o informacional.

Esses exemplos cunhados na Ciência da Informação corroboram com a perspectiva aqui defendida, na medida em que se considera que para empregar Competência em Informação a pessoa necessita também desenvolver competência socioemocional - a figura 1 sintetiza tais aportes. Admite-se que o cérebro é responsável por controlar as nossas emoções, para que no momento da busca, localização, acesso, avaliação, apropriação e uso informacional não sejamos dominados por esse sentimento e saibamos, destarte, equilibrar razão e emoção.

Figura 1 – Principais contribuições da Competência Socioemocional à Competência em Informação



Fonte: elaborado pela autora.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

Descrição: infográfico que ilustra as principais contribuições da Competência Socioemocional para a Competência em Informação. De cada lado, três círculos menores, ligados ao círculo central, representam uma competência socioemocional e sua respectiva descrição. As competências descritas são: Autoconsciência emocional, Autodomínio, Empatia, Habilidades sociais, Motivação e Equilíbrio entre razão e emoção.

As motivações do *eu,* direcionam as pessoas a perseguir um objetivo, por mais que sejam visíveis as dificuldades. Esse autocontrole emocional contribui para que o sujeito gerencie pensamentos e ações de modo que reflita sobre eles para que saiba distinguir informação de desinformação. Quando se pensa na emoção aplicada, aciona-se a capacidade essencial de administrar as emoções, para que seja possível eleger as respostas mais eficazes em contextos específicos. Em se tratando de informações, sabe-se que isso é indispensável para que se possa lograr êxito e responder ao pleito, nesse contexto, a calma ocupa a centralidade, pois torna-se vital e necessário o ato de saber ouvir com empatia, pensar e emitir pontos de vistas numa perspectiva construtiva.

As significâncias do controle emocional estão nas vivências do seio familiar, uma vez que a relação dialógica estabelecida nesse espaço de convívio favorece o desenvolvimento de competência para lidar com as diversas formas de emoções, em vista de que é a primeira experiência de relação com o meio social. As emoções são acionadas, logo, a partir de interações sociais e os sentimentos resultantes desse decurso impactam a vida das pessoas. Compreende-se que as emoções são sociais, uma vez que as conexões entre os sujeitos as impulsionam e não há a possibilidade de separar uma emoção do entorno das relações.

A competência socioemocional emerge da indissociabilidade da competência emocional, a qual refere-se ao desenvolvimento de capacidades para controlar as emoções, onde mentes racional e emocional interagem de modo saudável entre si e da competência social, que abriga a conscientização e a propensão social das pessoas, ocasião em que é preciso ter empatia, escuta atenta e entendimento do mundo que nos rodeia, estabelecer relações

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

saudáveis, falar de nossas singularidades e viver socialmente de maneira harmoniosa. Admite-se, portanto, que tal aptidão entrelaça-se com a Competência em Informação, pois coexistem para que o sujeito possa exercer a sua cidadania.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões acerca da competência socioemocional nos conduzem ao entendimento de que é preciso que tenhamos atitudes que nos conduzam a parar e, com tranquilidade, refletir antes da ação, de externar a inquietação e de falar sobre os nossos sentimentos, delimitando uma meta positiva, pensando em possibilidades de resolução, prevendo as consequências, seguindo em frente e tentando a melhor opção, por meio de um processo autoconsciente e autoavaliativo. Ademais, é preciso ter empatia e interagir socialmente.

Esse itinerário de emoções e relações sociais corrobora com os estudos da Competência em Informação ao passo que elas estão implicadas no que fazer[2] desde o acesso ao uso informacional, pois trata-se de pessoas, cujo cérebro pensante e, por sua natureza, social, abriga o fundamento das emoções. Assim, entende-se que o sujeito precisa controlar as suas emoções antes, durante e após o processo de sanar um pleito informacional. Isso congrega certamente a Competência em Informação e as suas dimensões, pois as pessoas que conhecem os seus próprios sentimentos conseguem aplicar as demais capacidades em qualquer momento de sua vida.

Portanto, refletir acerca da contribuição da competência socioemocional para investigações da Competência em Informação foi relevante pois possibilitou a compreensão de que há essa possibilidade de alargamento conceitual, ao perceber que para desenvolver e empregar Competência em Informação é preciso controlar as emoções diversas e

[2] “O quefazer é práxis [...] o quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. (Freire, 1987, p. 70)

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

estabelecer relações sociais saudáveis. Isso se aplica para profissionais da Informação, à equipe das Unidades Informacionais, aos sujeitos informacionais que usam os recursos de tais instituições. De um modo geral, podemos inferir que se aplica a todas as pessoas que usam informações no cotidiano com o afã de resolver problemas.

Afinal, ser competente em informação envolve construir novos saberes, pensando criticamente, demonstrar entendimento das diversas inquietações, respeito a diversidade e a inclusão, trabalhar de maneira colaborativa com outras pessoas. Ademais, se faz crucial criar significados singulares e sociais, propor inovações e estabelecer vínculos com outras pessoas, partilhando informações seguras e com posicionamentos que prezam pela ética. Podemos inferir que nesse processo é primordial levar em consideração os princípios da competência socioemocional - em especial a autoconsciência emocional, o autodomínio, a empatia, as habilidades sociais, a motivação e o equilíbrio entre razão e emoção - para o desenvolvimento da Competência em Informação. Constata-se, portanto, que esse debate contribui para a ampliação conceitual e fortalecimento prático da Competência em Informação, ao incorporar dimensões fundamentais da experiência humana no processo informacional.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Information Literacy competency for higher education**. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: https://alair.ala.org/server/api/core/bitstreams/ce62c38e-971a-4a98-a424-7c0d1fe94d34/content. Acesso em: 09 out. 2025.

AHARONY, N. *et al.* Information literacy in an era of information uncertainty. **Proceedings of the Association for Information Science and Technology**, Estados Unidos, v. 54, n. 1, p. 528-531, 2017. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pra2.2017.14505401063.

CAPURRO, R. De mensagens e mensageiros em tempos de pandemias biológicas e informacionais. *In.:* Seminário Internacional de Estudos Críticos em Informação, Tecnologia e Organização Social, Conferência, IBICT, 2020. Disponível em: https://www.capurro.de/pandemias_port.html. Acesso em: 03 mar. 2025.

CHENEVEY, L. An Emergent Pedagogy of Presence and Care: Addressing Affect in Information Literacy Instruction. *In.:* Association of College and Research Libraries Virtual Conference, 2021, Chicago. **Anais da ACRL Virtual Conference**: ACRL, 2021. Disponível em: https://www.ala.org/sites/default/files/acrl/content/conferences/confsandpreconfs/2021/EmergentPedagogy.pdf.

DEMO, P. "Tecnofilia" & "Tecnofobia". **Boletim Técnico do Senac**, *[S. l.]*, v. 35, n. 1, p. 4–17, 2009. Disponível em: https://bts.senac.br/bts/article/view/251. Acesso em: 3 mar. 2025.

DURODOLU, O. O.; MOJAPELO, S. M. Contextualisation of the Information Literacy Environment in the South African Education Sector. **Electronic Journal of e-Learning**, Reino Unido, v. 18, n. 1, p. 57-68, 2020. Disponível em: https://academic-publishing.org/index.php/ejel/article/view/1891.

ELMBORG, J. Critical Information Literacy: Implications for Instructional Practice. **Journal of Academic Librarianship**, [s.l.], v. 32, n. 2, mar. 2006. DOI: https://doi.org/10.1016/j.acalib.2005.12.004.

FONSECA, V. **Desenvolvimento cognitivo e processo de ensino-aprendizagem**: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 266p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 384 p.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

GOLEMAN, D. **Foco**: a atenção e o seu papel fundamental para o sucesso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 296 p.

GOLEMAN, D. **Inteligência social:** a ciência revolucionária das relações humanas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019. 471 p.

HAIDER, J.; SUNDIN, O. Information literacy challenges in digital culture: conflicting engagements of trust and doubt. **Information, communication & society,** Londres, v. 25, n. 8, p. 1176-1191, 2022. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2020.1851389.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, North Carolina, v. 42. n. 5, p. 361-371, 1991. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199106%2942%3A5%3C361%3A%3AAID-ASI6%3E3.0.CO%3B2-%23.

LIVINGSTON, J. A. **Metacognition**: An Overview. Nova York: Universidade de Buffalo, 2003.

MACEDO, L. S. R.; SPERB, T. M. Regulação de emoções na pré-adolescência e influência da conversação familiar**. Psicologia:** Teoria e Pesquisa, v. 29, n. 2, p. 133-140, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200002.

MACKEY, T. P.; JACOBSON, T. E. Reframing information literacy as a metaliteracy. **College & research libraries**, Chicago, v. 72, n. 1, p. 62-78, 2011. Disponível em: https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/16132/17578.

MACKEY, T. P.; JACOBSON, T. E. **Metaliteracy:** Reinventing information literacy to empower learners. Chicago: ALA Neal-Schuman, 2014. 248 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS**). Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19.** Folheto Informativo. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16.

ONU. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **O que são os direitos humanos?** [2020].Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/o-que-sao-direitos-humanos. Acesso em: 17 set. 2025.

ROMANO, F. M. *et al.* O Impacto das mídias sociais digitais na comunicação organizacional das empresas. **Future Studies Research Journal**, São Paulo, v.6, n.1, p. 53 – 82, 2014. Disponível em: https://future.emnuvens.com.br/FSRJ/article/view/119.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

RUOKOLAINEN, H.; WIDÉN, G. Conceptualising misinformation in the context of asylum seekers. **Information Processing & Management**, [s.l.], v. 57, n. 3, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ipm.2019.102127

SANTOS, J. O. **Competência em informação dos egressos do curso de biblioteconomia:** uma análise na região nordeste do Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19516. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, V. F.; TEIXEIRA, M. R. F. Ações, emoções e atos no processo de busca da informação: um estudo do Comportamento Informacional dos alunos de Ciências Biológicas da UFRPE. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 28, 2023.Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5344/29314.

TEWELL, E. C. The Practice and Promise of Critical Information Literacy: Academic Librarians' Involvement in Critical Library Instruction. **College & Research Libraries**, Chicago, v. 79, n. 1, p. 10, 2018. Disponível em: https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/16616.

VALENZUELA, S. *et al.* The Paradox of Participation versus Misinformation: social media, political engagement, and the spread of misinformation. **Digital Journalism**, Londres, v. 7, n. 6, p. 802-823, 2019. DOI: https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1623701

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

NOTAS

Jaires Oliveira Santos Guterres
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Minicurriculo: Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora e Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Competências e comportamento: processos de produção, inovação e comunicação da informação (Comporti) da UFBA. Atuou como gestora em Bibliotecas Públicas Estaduais. Desenvolve pesquisas com ênfase em Competência em Informação, processo educativo, profissionalização, informação e cidadania, ruralidades e (auto)biografias.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2819-1577
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6146693205979863
Email: jairesoliveira@gmail.com

LICENÇA DE USO
CC BY-NC-ND.

ENTIDADE EDITORA
Associação Catarinense de Bibliotecários.

HISTÓRICO
Recebido em: 18-04-2024 - Aprovado em: 30-06-2025

EDITORADO POR:
Barbara Cristina Marques dos Santos Ribeiro, Beatriz Morais Borges, Débora Crystina Dias Reis, Paula Sanhudos.

 Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.